

1

Sebastian Knight nasceu a trinta e um de dezembro de 1899, na antiga capital do meu país. Uma senhora russa já de idade, que, não sei por que obscura razão, me pediu para não divulgar o seu nome, mostrou-me um dia em Paris o diário que mantivera no passado. Tão pobres em acontecimentos haviam sido (aparentemente) esses anos que a recolha de pequenos factos quotidianos (que é sempre um método de autopreservação) mal ia além de uma curta descrição do estado do tempo de cada dia; e é curioso notar, a este respeito, que os diários pessoais dos soberanos — por muitos problemas que aflijam os seus reinos — se ocupam principalmente do mesmo tema. Sendo a sorte o que é quando não se tenta forçá-la, aqui me vinham oferecer algo que talvez eu nunca tivesse conseguido se fosse a presa da minha eleição. Estou assim em condições de afirmar que a manhã do nascimento de Sebastian foi uma manhã límpida e sem vento, com uma temperatura de doze graus (Réaumur) abaixo de zero... Foi apenas isto, no entanto, que a boa senhora considerou digno de registo. Pensando melhor, não vejo nenhum motivo para respeitar o seu anonimato. Parece-me tremendamente improvável que ela alguma vez venha a ler este livro. O seu nome é Olga Olegovna Orlova — aliteração ovoide que seria uma pena não revelar.

As suas secas anotações não conseguem comunicar ao leitor não viajado os encantos subentendidos de um dia de inverno em São Petersburgo como o que ela descreve; a pura delícia de um céu sem nuvens concebido não para aquecer a carne, mas tão-só para agradar aos olhos; o brilho dos sulcos dos trenós na neve endurecida das

ruas amplas, com uma tonalidade acastanhada nos sulcos do meio devida à mistura com abundante esterco de cavalo; o cacho colorido dos balões apregoados por um vendedor de avental; a curva suave de uma cúpula de ouro abafado pela fina camada friável do gelo; as bétulas nos jardins públicos, com todos os ramos, até os mais minúsculos, inteiramente forrados de branco; o ranger e o tilintar do trânsito de inverno... e a propósito, é tão estranho, quando se olha um velho postal (como o que eu tenho em cima da minha secretária para entreter por momentos a criança da memória), observar o modo caótico como os cabriolés russos mudavam de direção quando lhes apetecia, em qualquer sítio e de qualquer maneira, de forma que em vez do fluxo retilíneo e cordato do trânsito moderno o que se vê — nesta fotografia pintada — é uma rua larga como as dos sonhos, cheia de *droskis*¹ rodando em todas as direções, sob um céu incrivelmente azul que, mais ao longe, se fundia automaticamente numa névoa rosada de banalidade mnemónica.

Não consegui obter fotografias da casa onde Sebastian nasceu, mas conheço-a bem, pois também eu lá nasci, uns seis anos mais tarde. Somos filhos do mesmo pai: ele casara outra vez pouco depois de se divorciar da mãe de Sebastian. Estranhamente, este segundo casamento não vem referido em *A Tragédia de Sebastian Knight*, de Mr. Goodman (obra publicada em 1936, a que terei ocasião de me referir com mais pormenor); pelo que, para os leitores do livro de Goodman, eu estou condenado a aparecer como inexistente — um falso parente, um impostor tagarela; mas o próprio Sebastian, na mais autobiográfica das suas obras (*Perdidos e Achados*) tem algumas palavras amáveis a dizer acerca da minha mãe — penso aliás que bem merecidas. Também não é exato, como foi sugerido na imprensa britânica após o falecimento de Sebastian, que o pai tenha morrido no duelo que travou em 1913; na realidade, estava a recompor-se lentamente do ferimento de bala no peito quando — mais de um mês depois — contraiu uma constipação que o seu pulmão ainda mal curado não aguentou.

Excelente soldado, generoso, espirituoso, exuberante, ele tinha em si essa forte veia irrequieta e aventureira que Sebastian herdou como escritor. No inverno passado, num almoço literário em South Kensington, um velho crítico bem conhecido, cuja inteligência e erudi-

ção sempre admirei, fez o seguinte comentário quando a conversa girava em torno da morte precoce de Sebastian Knight: «Pobre Knight! Teve realmente duas fases; na primeira era um maçador que escrevia um inglês estropiado; na segunda, um estropiado que escrevia um inglês maçador.» Trocadilho detestável, detestável a todos os títulos, até porque é muito fácil falar de um escritor morto por trás das costas dos seus livros². Mas estou em crer que o bobo não terá especial orgulho em recordar esta sua piada, tanto mais que se mostrou bem mais comedido quando escreveu sobre a obra de Sebastian Knight há alguns anos.

Não obstante, temos de admitir que em certo sentido a vida de Sebastian, embora estivesse longe de ser enfadonha, não comungava do enorme vigor do seu estilo literário. Sempre que abro um dos seus livros, parece-me ver o meu pai entrar de rompante na sala — aquela maneira especial que ele tinha de abrir bruscamente a porta e de se lançar sobre o objeto que queria ou sobre uma criatura amada. A minha primeira impressão dele continua a ser a impressão estonteante de levantar voo e ficar de repente a planar acima do solo, com metade do meu comboio de brinquedo ainda pendurada na mão e os pingentes de cristal do lustre perigosamente próximos da minha cabeça. Ele poisava-me depois tão repentinamente como pegara em mim, tão repentinamente como a prosa de Sebastian arrebatava o leitor, elevando-o nos ares, para o deixar cair com um baque no alegre anticlímax do louco parágrafo seguinte. E também alguns dos epigramas favoritos do meu pai parecem ter desabrochado como flores fantásticas em histórias tão características de Knight como *Albinos de Preto* ou *A Estranha Montanha*, talvez a melhor de todas, esse conto maravilhosamente bizarro que me faz sempre pensar numa criança a rir durante o sono.

Foi no estrangeiro, tanto quanto sei, em Itália, que o meu pai, então um jovem soldado do corpo de guarda em gozo de licença, conheceu Virginia Knight. O primeiro encontro entre os dois ficou a dever-se a uma caçada à raposa em Roma, no início dos anos noventa, mas se isto me foi contado pela minha mãe ou se recordo subconscientemente algum instantâneo pouco nítido de um álbum de família é coisa que não sei dizer. Ele cortejou-a durante muito tempo. Ela era filha de Edward Knight, um cavalheiro de posses; não sei

mais nada acerca dele, mas o facto de a minha avó, mulher austera e voluntariosa (lembro-me do seu leque, das suas mitenes, dos seus dedos brancos e frios), se ter oposto enfaticamente ao casamento e repetir de bom grado a lenda das suas objeções mesmo depois de o meu pai se ter casado pela segunda vez leva-me a deduzir que a família Knight (fosse qual fosse a sua posição) não estava à altura das exigências (fossem elas quais fossem) dos aristocratas do antigo regime na Rússia. Também não sei ao certo se o primeiro casamento do meu pai não terá de algum modo colidido com as tradições do seu regimento — o que é certo é que só começou verdadeiramente a ter sucesso na carreira militar com a guerra russo-japonesa, já depois de a mulher o ter deixado.

Eu ainda era criança quando o meu pai morreu; e só muitíssimo mais tarde, em 1922, alguns meses antes da última e fatal operação a que se submeteu, é que a minha mãe me contou várias coisas que achou ser conveniente eu saber. O primeiro casamento do meu pai não fora feliz. Uma mulher estranha, um ser irrequieto e imprudente — mas de uma irrequietude diferente da do meu pai. A dele era uma demanda constante que só mudava de objeto depois de o ter alcançado. A dela era uma busca tibia, caprichosa e errante que ora acertava bem longe do alvo ora o esquecia a meio do trajeto, como se esquece um guarda-chuva num táxi. Terá gostado do meu pai à sua maneira, uma maneira frouxa, para não dizer pior, e quando um dia lhe ocorreu que talvez estivesse apaixonada por outro (cujo nome o meu pai nunca soube pela boca dela), deixou marido e filho tão repentinamente como uma gota de chuva desata a escorrer até à ponta de uma folha de lilás. O sobressalto da folha abandonada, antes vergada ao peso do seu brilhante fardo, deve ter causado ao meu pai uma dor intensa; e não gosto de imaginar sequer como terá sido esse dia num hotel de Paris — Sebastian, com os seus quatro anos de idade, entregue aos cuidados desatentos de uma ama perplexa, e o meu pai trancado no seu quarto, «esse género de quarto de hotel tão perfeitamente adequado para servir de cenário às piores tragédias: um relógio parado e brilhante (o bigode encerado das duas menos dez) resguardado pela sua cúpula de vidro em cima de uma lareira maléfica, a porta da varanda com a sua mosca desorientada entre a musselina e a vidraça, e um pequeno maço de papel de carta do hotel em cima do mata-borrão

já muito usado». Isto é uma citação de *Albinos de Preto*, textualmente sem qualquer relação com esse desastre particular, mas que conserva a lembrança distante do tédio de uma criança sentada no tapete tristonho de um quarto de hotel, sem nada que fazer e perante uma insólita extensão de tempo, tempo extraviado, desmedido...

A guerra no Extremo Oriente proporcionou ao meu pai essa atividade feliz que o ajudou — se não a esquecer Virginia — pelo menos a tornar de novo a vida digna de ser vivida. O seu vigoroso egoísmo não era nele mais do que uma forma de vitalidade viril e, como tal, perfeitamente consentâneo com uma natureza essencialmente generosa. A infelicidade permanente, para já não falar da autodestruição, deve ter-lhe parecido uma coisa desprezível, uma rendição vergonhosa. Quando, em 1905, tornou a casar, com toda a certeza se regozijou por ter retomado em mão as rédeas do seu destino.

Virginia reapareceu em 1908. Era uma viajante inveterada, deslocando-se incessantemente e tanto se sentindo em casa numa pequena pensão como num hotel caro, já que casa significava para ela apenas o conforto da mudança constante; dela herdou Sebastian essa estranha, quase romântica paixão pelas carruagens-cama e pelos comboios Great European Express, pelos «pequenos estalidos dos painéis encerados nas sombras azuis da noite, o longo e triste suspiro dos freios em estações vagamente adivinhadas, o subir de uma persiana de couro lavrado revelando uma plataforma, um homem transportando malas num carrinho, o globo leitoso de um candeeiro com uma traça pálida a rodopiar à sua volta; o som metálico de um martelo invisível verificando o estado das rodas; o deslizar para o interior da escuridão; a imagem fugaz de uma mulher sozinha mexendo nos objetos prateados do seu estojo de viagem, no veludo azul de um compartimento iluminado».

Ela chegou no Nord Express num dia de inverno, sem ter prevenido ninguém, e mandou um bilhete lacónico pedindo para ver o filho. O meu pai estava no campo, numa caçada ao urso; por isso a minha mãe levou tranquilamente Sebastian ao Hôtel d'Europe onde Virginia se instalara apenas por uma tarde. Aí, no átrio, viu a primeira mulher do seu marido, uma figura esguia, ligeiramente angulosa, com um pequeno rosto trémulo sob um enorme chapéu preto. Erguera o véu acima dos lábios para beijar o rapaz, e mal o tocou rompeu em pran-